



HONDURAS — PASSAGEM DO RIO SANTA ROSA.

Antes da independência dos estados da America hespanhola, o territorio de Honduras formava parte do reino ou capitania geral de Guatemala, que comprehendia a provincia d'este nome e as de S. Salvador, Honduras, Nicaragua e Costa-Rica. Todas cinco sacudiram o jugo de Hespanha em 1821, e logo depois se ligaram n'uma confederação denominada das «Republicas da America central» alliança que foi dissolvida em 1839, e desde então esses diversos estados exercitam em separado o seu poder soberano. Mas a sua independência não é tal que não tenham soffrido por vezes ataques e humiliações da parte de nações mais fortes, como por exemplo aconteceu ao estado de Nicaragua cuja capital foi ha pouco tempo bombeada pelos americanos inglezes, tendo de sujeitar-se ás condições e a dar satisfações exigidas ou impostas pelo governo de Washington: e assim por modos diversos succedeu ao estado de Honduras na bahia dos indios, mosquitos e outros pontos com os inglezes europeus, que ainda conservam n'esse territorio a colonia que fundaram em 1798, e de que é capital Balize, sita na foz do rio do mesmo nome que vem pelo Yucatan desaguar na bahia de Honduras.

Foi nas costas d'este ultimo estado que pela primeira vez o ousado Colombo pôz pé em terra no continente americano, desembarcando no pontal que se

chama hoje cabo de Honduras, aos 14 de agosto de 1502, e tomando posse a pró da corôa de Hespanha. Ainda não eram decorridos vinte annos passado o descobrimento, o conquistador do Mexico, Fernão Cortez, incitado pela descripção de vastos e povoados paizes que demoravam ao sul, emprehendeu uma expedição n'este rumo, dirigida por terra e das mais aventurosas em consequencia da excessiva distancia e das graves fadigas e amudados e quasi insuperaveis obstaculos, tal que não tinha precedente nos annaes das viagens, e dura na historia como uma das mais temerarias e brilhantes dos avassalladores do novo mundo.

Partindo do isthmo de Tehuantepec a gente de Cortez embrenhou-se nos immensos e incognitos desertos que separam das fronteiras do Mexico os novos territorios que demandava. Por espaço de dous annos completos portiou contra toda a casta de estorvos, desinvolvendo paciencia e valentia de animo quasi sobrehumanas; atravessou brejos extensissimos, paizes insalubres, rios largos e fundos, serras escarpadas e solitarias, e afinal chegou onde o intrepido navegador genovez saltara em terra reconhecendo o novo hemispherio. Submettidos os chefes d'aquellas visinhanças, lançaram-se os fundamentos da cidade de Truxillo na bahia assim chamada. Virando para o poente, o immediato de Cortez estabe-

leceu a povoação de Natividad em Puerto Caballos, suppondo pela vantajosa situação que poderia vir a ser a grande escala commercial da Nova Hespanha.

Seguiram-se no governo e exploração ao territorio activos e valentes capitães, de forma que em 1540 Honduras possuía cidades florescentes, creando-se a Audiencia ou governo provincial, transferido depois para Guatemala, onde esteve até a epocha citada no começo d'este artigo.

O estado de Honduras é limitado ao norte e ao nascente pelo mar dos Caraibas ou das Antilhas e dilata-se desde perto da foz do rio Motagua até o cabo Gracias a Dios; as suas demarcações ao sul são o rio Wanks que o separa do estado de Nicaragua, a bahia de Fonseca e o estado de S. Salvador; finalmente ao oeste a Guatemala: apresenta uma extensão de costas obra de 400 milhas no oceano Atlantico, e apenas 60 no oceano Pacifico, tendo excellentes portos em ambos os mares. Computa-se a sua superficie em 39,600 milhas quadradas, e a população em 350:000 almas.

(Continúa.)

ESTUDOS CRITICOS.

IV

(Continuação.)

A felicidade de não saber desenhar que lhe dá uma posição brilhante e independente no magisterio, o trouxe tambem a Lisboa, e o tentou para as letras, quando já o romantismo ia de vencida, que o gosto publico se tinha apurado, e que os desastres alheios o ensinavam a não sair das regras do bom senso e da parcimonia, que regeitam o contrafeito e o grotesco, como aberrações das leis ordinarias da escripta. Aparecendo seis annos mais tarde que João de Lemos e Mendes Leal, veio encontrar os imitadores, bando de pardaes que estroem o melhor trigo, arremedando em visagens e momices, o que fôra primitivamente bom e sensato. A antipathia venceu em Antonio de Serpa o desejo de escrever, e só quando os vendilhões se retiravam da praça, é que elle tentou o terreno com a precaução com que o navegante evita os baixios, aonde viu desconjunctarem-se embarcações da força e lotação da sua.

Um dos caracteristicos do talento de Antonio de Serpa, não é nem o rugir da imaginação, nem o fogo do entusiasmo; é alguma cousa mais rara que estas qualidades da verdadeira poesia; é a consciencia artistica, que lhe veda acceitar a moda, quando ella vem arrebicada de enfeites postiços, e lhe prohibe de sacrificar ao vulgo, quando elle pede *du vin bleu*, expressão com que Voltaire designava as chilras inspirações do seu tempo. No livro das poesias de Antonio de Serpa, que temos á vista, lêem-se estas linhas que comprovam sobejamente a verdade das nossas asserções:

« A fórma, em parte correctá, aperfeiçoada, brilhante, da poesia moderna foi na verdade um progresso, apesar das observações de alguns autores. Mas a fórma por si só não faz uma escola. Mais que nenhum outro ramo de litteratura, e talvez que nenhuma outra das artes, a poesia requer a fé, a religião, uma crença, seja de que natureza fôr. Os cantos do sceptismo podem ter notas sublimes; mas são typos inimitaveis, que agradam uma vez sómen-

te, monotonos e insuportaveis se se repetem. Fingir « gir a fé, pode parecer bello quando é feito com arte, por que é aspirar para a verdade. Fingir sceptismo em poesia é descarado e glacial. »

Foi decorando este credo, mas sem o revelar ainda, que Antonio de Serpa se acostumou a conservar intacta a sua independencia de escriptor, de longe, medindo as escaramuças em que os atiradores se empenhavam, mas sem queimar uma escorva no tiro-teio, que o podesse denunciar, Grego ou Troyano, no corpo do exercito das forças belligerantes. Um só peccado commetteu Antonio de Serpa nas letras, e n'esse fomos nós seu cumplice. Um melodrama biblico, foi escripto em segredo, e em collaboração commum, quando as plateas podiam ser deslumbradas com o ouropel das tunicas, as illusões da optica, e os lugares communs de um sentimentalismo manco e dissorado.

Felizmente a moda passára, e o nosso aborto perdoe-nos o collega esta aspereza paternal, ficou enterado nas ruinas dos *Jardins Suspensos*, uma das decorações com que haviamos imaginado deixar de bocca aberta, mais de um esptador vindo de caso pensado no vapor do Riba-Tejo, para applaudir o nosso tecido de ultrajes a todos os preceitos da arte poetica. Anteriores a esta travessura biblica, havia Antonio de Serpa, representado com exito duas comedias suas no theatro de D. Maria II: longe de serem modelos no genero, mas em que se conhecia já analyse fina dos achaques da epocha, e a veia comica que tira a mascara ao santão, para deixar ver de frente as feições contrafeitas do Tartufo.

Posterior á existencia do *Panorama*, e á epocha dourada da *Revista Universal*, foi no semanario litterario o *Pharol*, e depois na *Semana*, que Antonio de Serpa se começou a exercitar como critico, quando já era conhecido como poeta. Como Attila, a quem a historia chama o flagello dos homens, e o açoute de Deus; era abaixar a cabeça, quem quizesse escapar ás iras do folhetinista. De Antonio de Serpa e Latino Coelho, foram, no *Pharol* as forças caudinas por onde ninguem nunca passou em triumpho. Elogiou alguma vez alguém a critica ferrenha do *Pharol*? Não nos recorda. O que sabemos, sem que d'isso conservemos mais do que a idéa da justiça com que foi feita, é a parte que nos entrou por casa, da critica, que parecia acceitar a divisa do marquez de Pombal: *curar dos vivos e enterrar os mortos*.

Jornalista politico, Antonio de Serpa é rude, e talvez em demasia severo. Thiers e Armand Carrel, derrubando no Nacional as ordenanças de julho, e com ellas a dynastia prejura, se eram tambem *fortiter in re*, não deixavam de ser *suaviter in modo*, como a rethorica aconselha a quem tenta persuadir os mais. A opposição é, e não lhe irrogamos censura por isso, a disposição do espirito, a inclinação do character, a aptidão do talento de Antonio de Serpa.

Quem conhecer superficialmente Antonio de Serpa, jurará ao ver a modestia com que falla de si, e a quasi timidez com que recebe o elogio, que não são d'elle as duas ou tres satyras publicadas no *Portuguez*, sem assignatura, e que a opinião geral lhe attribuiu, exacta ou erradamente. Este genero, que em todos os tempos contou poucos cultores, e que achou na Roma degenerada de costumes, um Juvenal para pôr o dedo em algumas das suas feridas, tem na historia litteraria lacunas, e periodos tão largos de intervallo, que a satyra cortez e polida de Boileau, podia passar por uma novidade, se os ridiculos que elle fustigou, não andassem já inveterados e reconhe-

cidos, antes do poeta os fulminar na rima. Sem falar da satyra pessoal, ou antes verrina de Bocage, contra Elmiro, em que cada verso é uma injuria, tendo alguns d'elles ficado armazenados nas memorias, como farto peculio de invectivas, para todos os acasos da polemica; póde-se afirmar que a poesia portugueza não é das mais estereis n'este genero. Sem fallar das tão apreciadas satyras de Tolentino, o *Bilhar*, a *Função*, o *Passoio* e os *Amantes*, em que ha quintilhas de uma admiravel ingenuidade comica, as duas satyras didacticas do Garção, o *Poeta*, e *Sobre a imitação dos antigos*, tem a correção, o mimmo carlidade de phrase, de tudo quanto saiu da pena do auctor da *Cantata de Dido*, e da ode ao *Suicidio*. Não obstante, a satyra didactica tem, como diz Gustavo Planche, o defeito de satisfazer a um simples e puro prazer litterario, podendo-se deixar a leitura em meio sem saudades, o que equivale a pôr-lhe a pecha de frieza, o que não é dos melhores condões da poesia. As *Vizitas das Senhoras*, satyra de costumes de Couto Guerreiro, denota no auctor uma analyse fina, e tel-o-hia tornado um rival de Tolentino, se na forma o houvesse imitado, preferindo a quintilha ao verso solto, e ajudando-se da rima para pôr em relevo a idea comica, arrastada ás vezes na lentidão do hendicasyllabo, tendo tudo a ganhar com acertada escolha do consoante no verso d'arte menor.

A satyra moderna é mais exigente. Horacio sentando-se á meza de Micenas, e Boileau recebendo da munificencia de Luiz XIV, favores e protecção, tiveram, como Tolentino, as mãos atadas para a critica desassombrada, que deve fulminar os vicios sem olhar á classe, nem á posição das pessoas em que elles se dão. Um critico moderno aconselha aos poetas satyricos a imitação dos actores dos theatros d'Athenas, que collocavam de cada lado da scena vasos harmonicos, e declamavam com mascaras de metal no rosto, para a voz lhes sair mais augmentada, e poder chegar natural, aos vastos auditorios dos theatros gregos. N'este conselho está um convite á exaggeração. Antonio de Serpa acceitou-o, mas esqueceu-lhe ás vezes apertar o quadro, travando mais o epigramma, e não estirando sem motivo o pensamento das suas satyras. Estamos convencidos que Antonio de Serpa havia de ser bem succedido, estreado-se na satyra lyrica com a condição de ter unidade na cholera, e de ser grande e justificado o pretexto d'ella. «In ne suffit pas (diz um critico fallando de Augusto Barbier) que le poete soit animé d'une indignation sincere, qu'il prenne un intérêt sérieux à la pensée qu'il exprime, qu'il soit réellement affligé des vices qu'il gourmande; il faut encore qu'il puisse renouveler ses forces à mesure qu'il le dépense, qu'il troye dans la lutte même un redoublement d'énergie.»

Para isto é necessario, como Augusto Barbier no *Idolo*, arcar com Napoleão, no auge do seu poder e gloria, ou atrever-se, como na *Popularidade*, a castigar de envolta com o ridiculo d'esta monomania, que então tomava largas proporções, os personagens mais eminentes do imperio. Dadas condições analogas, como inspiração da satyra, estamos convencidos que a musa de Antonio de Serpa tem recursos em si para vestir o pensamento, e que o sarcasmo com que se pune o ridiculo, o não abandonará nunca no decurso das suas composições.

A poesia que entra affouta pelos campos do ideal, depende de si sómente. A satyra pelo contrario carece das qualidades de outra poesia, e de um pode-

roso estimulo externo, para que a declamação se não torne diffusa e glacial. Na lyrica tudo serve de pretexto ao canto. O ceu, a terra, o mar; uma estrella, uma flor, um ecco. A satyra precisa da grandeza do vicio, do escandalo do crime, para sair inspirada da verdadeira indignação. Antonio de Serpa conhece a fórma da satyra moderna, e maneja com facilidade o epigramma; mas, felizmente para nós, e para o proprio poeta, faltam-lhe os grandes criminosos para os seus autos de fé, e tem de se contentar com as excommunhões menores lançadas a pequenos ridiculos sem consequencia.

Ultimamente, Antonio de Serpa, arranjou para a scena a *Dalila*, formósa comedia de Octavio Feuillet, calculada para a leitura reflectida do gabinete, mas não para as exigencias do palco. As boas traducções não são de certo os ultimos dos trabalhos da intelligencia. Chateaubriand traduziu Milton; Bocage e Castilho verteram Ovidio; Francisco Manuel naturalizou portuguezes o Oberon e os Martyres. Traduzir com perfeição é mais difficil do que muita gente julga, do que o suppunha o proprio padre José Agostinho, mettendo a ridiculo o traductor de D'Alille, que lhe respondia:

Dos idiotismos aplanando o estôrvo
D'um, d'entro idioma discernindo os genios,
O caracter do texto expor na glosa,
Proprio tornando, e natural o alheio,
É ser bugio, papagaio, Elmiro?

Bocage sabia pela pratica o valor de uma boa traducção, e não era homem para deixar sem correctivo os chascos do *publicista* da Besta Esfolada, dos Burros, e d'outros pamphletos de equal jaez, em furos abaixo de dous versos da traducção das *Metamorphoses*, em que Bocage tinha a consciencia de haver tornado proprio e natural o alheio.

A parte o trabalho que teve Antonio de Serpa em arranjar a *Dalila* para o theatro, cortando ou ampliando o dialogo, e accelerando o desfecho da comedia, estamos convencidos que o segredo da accitação que ella teve das plateas, nasceu mais do puritanismo da phrase, da severa contextura do periodo, e da indole verdadeiramente portugueza do estylo da era, que mesmo do pathetico dos lances dramaticos, e da bem exposta lueta da arte antiga, com as aspirações e arrojos da arte moderna. O theatro portuguez carece ás vezes d'estes estimulos, para não se tornar de todo a *feira da ladra* da nossa lingua, e o ignominioso pelourinho da grammatica nacional. A hora a que estes artigos escrevemos, trabalha Antonio de Serpa na contextura de uma comedia original em cinco actos, destinada ao theatro de D. Maria II. É já tempo de pôr mãos á obra, e de acudir á decadencia da scena portugueza, de que nem os actores nem o publico têm a culpa, mas os que deixam viver de traducções engoiadas, e de melodramas rachitiços o nosso primeiro theatro.

Resta-nos avaliar Antonio de Serpa como poeta lyrico, o que faremos no capitulo seguinte, tendo aberto o volume das suas poesias, para fugirmos quanto possivel á critica que anda de rojo como a cobra, mos temendo sempre os cascaveis, para despertar a attenção do vulgo, menos para o criticado, do que para o censor; mais para o juiz, do que para o escriptor que se devia avaliar. Antonio de Serpa é menos conhecido, como poeta, do que outros da geração nova, não por que lhes seja inferior, mas pelo accaso que é na vida, o mesmo que nas come-

dias de Scribe, o moavel, a origem tanto dos maiores, como dos mais insignificantes e vulgares acontecimentos. A mais nobre das ordens da cavallaria, nasceu da indiscrição amorosa de um rei apaixonado, por uma formosa dama da sua corte.

(Continúa.)

L. A. PALMEIRIM.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

V

A idade media começou inaugurando a democracia, ainda mais, alguns degraus abaixo d'ella, a anarchia do pensamento. A mesurada regularidade da sociedade romana succede a variedade das instituições e o parcellamento dos estados. A unidade do poder imperial succede o antagonismo das pequenas sociedades feudaes e a hostilidade permanente das pequenas republicas municipaes que desde muito cedo se começaram a organizar por toda a Europa. A unidade e a harmonia da lei romana, substitue-se a diversidade infinita dos codigos e dos costumes locais. A uniformidade da lingua, a barbara riqueza de numerosos dialectos, d'onde surgiram e se aperfeiçoaram ao diante as linguas neo-latinas. A ciosa e intolerante centralisação do imperio cedeu o lugar á absoluta descentralisação mais rebelde e insoffrida. A Europa voltava a copiar da Grecia antiga e da Italia, quando teve o espirito de independencia local e de ciumenta e intratavel rivalidade. Era mister que a sociedade romana, cujos laços rompera o christianismo, se decompozesse e agitasse com o fermento do norte, e sacudindo o jugo de toda a centralisação temporal e exclusiva, tivesse apenas por liame no seu extremo parcellamento, e por correctivo ás hostilidades intestinas, a communhão da crença religiosa, e a auctoridade, toda espiritual, mas temerosa, do passado.

As formulas do pensamento tornaram-se mais individuaes e variadas. Os moldes romanos desapareceram, tornando impossivel a imitação. Cada um pôde escutar a inspiração íntima sem que lesse nos commentarios dos criticos, ou nas mais formas concepções da arte greco-romana, a condemnação das suas idéas, em nome do classico bom gosto e do atticismo antigo. As ridentes fabulas da mythologia de Ovidio succedeu o maravilhoso do norte; á doçura epicurista das musas romanas, o ideal melancolico das harpas teutonicas.

Em meio, porém, d'esta diversidade de instituições, de costumes e de creações artisticas, a idade media teve a sua civilisação e o seu progresso. A sociedade revela-se no poema e no templo, que congloba todo o sentimento e toda a idéa que domina cada geração e cada seculo. O templo é na sua traça e nos seus ornatos, como que a synthese material da crença de todo um povo. A epopéa é o commentario do pensamento architectonico. Teve a civilisação greco-latina a sua epopéa e o seu templo. E a idade media é hoje celebrada pela mystica formosura das suas cathedraes e pela temerosa mas sublime magestade do poema do Dante.

Não podia ser barbara, como nol-a repetiram e repetem ainda hoje supersticiosos e mal-avisados idolatras da antiguidade romana, aquella idade que produziu o *Inferno* do Dante, e as sumptuosas basilicas normandas. Tinha Virgilio para traçar e delinear os contornos do seu maravilhoso poema o seguro modelo da epopéa homericas. A fabula bastou-lhe ape-

nas copial-a de mais antigo mestre; os heroes davalh'os já debuxados e coloridos a musa hellenica; a luz e a perspectiva era sempre a mesma, admittidas e conservadas as convenções do paganismo, e as normas da idealidade pagan. Arde e desmorona-se Troia com igual estrepito e com clarões semelhantes no poema de Achilles, ou no vigoroso poema de Enéas. São os mesmos, e igualmente inflexiveis e crueis os factos pagãos; é a mesma a magnanimidade dos heroes; igual a simpleza arrogante dos seus vultos; parecida a magestade dos seus arrojados; semelhante a constancia do animo em todas as fortunas. Os deuses, n'um e n'outro poema, ora ascendem ás proporções da divindade, ora se abaixam ás miserias paixões da condição humana. Venus é compassiva em ambos, como é indulgente e affectuoso o amor. É Juno sempre fera e vingativa; Minerva sabia; Jupiter indeciso; Eólo impetuoso, e Neptuno compassivo ao exilio extremo da cidade sua favorita. O que não impede que ao mesmo desenho geral, correspondam em Virgilio e em Homero bellezas distinctas de composição e toques diversissimos, e tintas e cambiantes proprias, e riquissimos thesouros de invenção.

Mas abra-se a comedia do vate florentino. Onde estão os modelos d'aquelle painel, onde tudo é novo desde a téla em que vagueou indomito o pincel até ao colorido, ora avivando-se em clarões afogueados, ora esmorecendo sob as ondas transparentes de luz paradysiacas? Onde estavam na palheta romana as tintas d'aquelle quadro? O que ha allí que não seja o fructo da mais arrojada e espontanea concepção, ou a cópia ideal da natureza e da sociedade? Barbaros seriam aquelles tempos e aquelles homens, e nós, com sermos hoje por excellencia policiados e cultos, ainda agora nos deliciamos ao versar aquellas paginas, onde a musa dantesca espargiu as mais graciosas bellezas poeticas a par dos mais austeros raptos do mysticismo christão.

E para chegar a meia-idade a conceber e a produzir a *Commedia* de Alighieri, para attingir n'aquella mysteriosa trilogia a synthese magestosa dos sentimentos e das idéas christãs, que variado e multiplice trabalho não custou a todos esses trovadores e menestreis, troveiros e jograes, que andaram primeiro em ligeiras escaramuças combatendo com a rudeza e asperidade dos idiomas incultos que do tronco romano saíram com a invasão germanica. Antes que nas obras primas de Raphael podesse o pincel clamar um novo *fiat lux* e tentar um novo mundo e uma segunda Creação, engenhos menos privilegiados e artistas menos illustres colligiram e imitaram as reliquias da arte bysantina.

A idade media foi democratica, mais ainda demagogica e anarchica nas letras. Nos dominios do pensamento tentou com inteira liberdade todas as evoluções e trilhou desassombrada todas as veredas. Assim como a unidade politica do imperio romano se desatara em fragmentos e se perdéra na mais enfreme descentralisação, assim a monarchia das letras se afundiu, rotos todos os vinculos da auctoridade e todas as tradições da imitação.

O instincto, mais do que o calculo e o deliberado proposito de emancipação e independencia, revela-se a cada passo nos fastos d'aquella idade. Não se diga que a liberdade e a democracia estiveram esperando os sectarios da Encyclopedia e os tribunos da revolução franceza, para tomarem logar na gerarchia das idéas e dos principios sociaes. Não se faça á civilisação christã a injurfa gratuita de suppor que vivesse ella largos seculos sem accender no seu gremio

a centelha da liberdade. A democracia e o absolutismo tem coexistido sempre, luctado sempre, ora equilibrando-se, ora vencendo-se, mas sempre pugando com Marte, incerto, na terrível pelega do bom e do mau principio. Quando os phariseus, que julgam a liberdade a primogenita da irreligião, perguntarem á democracia de d'onde vem e quaes são os seus brazões, responda-lhes ella que tambem como elles conta avoengos illustres e remotos, e que não sómente na praça da Bastilha, assenta o seu solar, se não em mais nobres paragens, e em idades mais antigas. A sociedade feudal era em si mesma uma democracia, imperfeita, primordial, apenas esboçada. O cavalleiro na sua róca-forte, cidadella da sua independencia quasi absoluta, pezava-lhe bem pouco a muitas vezes nominal e ficticia suzerania dos seus monarchas. Entre os homens livres a igualdade existia então como hoje se dá entre os cidadãos de um paiz constitucional. Os servos sós faziam excepção á lei commum. Mas a Roma republicana, e nos seus mais felizes dias democraticos, lá tinha os escravos, deshonorando a civilisação romana; e as cidades gregas, todas ellas republicanas tambem, não deslustravam, segundo a crença de então, os seus foros democraticos, mantendo na condição servil, uma tão consideravel parte da sua população.

Continua.

J. M. LATINO COELHO.

MONTENEGRINOS.

Em parte nenhuma do globo existe igualdade tão completa como em o Tsernogore ou paiz de Montenegro; mas, o principio da igualdade, da maneira que é estendido e praticado pelos povos slavos, não ameaça os direitos e a existencia da familia, como as theorias baseadas outr'ora em Franca no mesmo principio. Cada um, gozando da sua independencia, continua dedicado aos intresses de todos; e quasi nunca se separa dos seus parentes. Por esta rasão as familias são tão numerosas que ás vezes uma só basta para compor uma aldeia de alguns centos de casas, onde os habitantes, aparentados todos e do mesmo nome, se differenciam unicamente pelo seu prenome baptismal. Cada familia tem nm chefe por ella escolhido e que a dirige.

Esta vida patriarchal creou e mantem a responsabilidade commum dos actos, e não pode um ser lesado sem que os outros tomem logo a sua defesa. D'ahi procedem, é verdade, vinganças hereditarias, guerras constantes entre familias, e que são consequencias exaggeradas d'um principio, que parece eminentemente conservador. Tambem é certo que o mal nascido d'essas guerras não deixa por outra parte de ter sua compensação relativa, robusteceu nos montenegrinos o sentimento do seu decoro pessoal: ensinou-lhe a considerar como calamidade a desavença com os seus patricios.

Uma lei dada pelo uladika, que dominava ainda no primeiro quartel do seculo actual, mostra a altivez, senão a ferocidade d'esta gente. Um montenegrino que bater com o pé, ou de outro modo injurioso no seu patricio, poderá ser morto pelo offendido, sem que a este resulte damno, por se considerar o caso como o de matar um ladrão colhido em flagrante: se o offendido refrear a sua cholera, o aggressor lhe pagará cincoenta ducados e outrotanto ao tribunal.

Saibamos o que é o uladika; é um frade, que traça como os outros calendéres, mas que é o cabeça religioso e politico d'aquella sociedade. Esta organisação social viciosa e fanatica, o odio aos musulmanos, talvez em muita parte bem fundado, como a senhores intrusos e malquistos, os habitos d'uma liberdade mal entendida que considera seu quanto lhe cahe á mão, serão virtudes, como as temos visto elogiadas por alguns que andam á procura de typos singulares, para se reverem nas creações da sua imaginação mais do que para acertarem a verdade dos factos.



Entendemos nós, ao contrario, que estas anomalias da civilisação, engravadas em estados policiados, ou com elles contiguas, devem desaparecer, convertendo-se á unidade social e humanitaria essas tribus que não podem servir senão de elementos de desordem nas fronteiras de estados pacificos. Uma turba de montanhezes montenegrinos, com todos os visos de salteadores, inquietou por vezes os visinhos; mas quando as nações protectoras d'estes quizeram defende-los, a heroicidade dos homens desordenados succumbiu ante as tropas disciplinadas, e a consciencia que os agredidos tinham das malfetorias lavrou a sentença, que sancionaram e cumpriram potencias mais fortes. Para evitar outros conflictos, e chamar ao trabalho e aos gozos sociaes os montenegrinos, é melhor instrui-los e civilisa-los do que exaggerar as suas suppostas virtudes indomitas.

MEMORIAS HISTORICAS.

(1583)

Continuação.

No dia seguinte terça feira, uma hora antes d'amanhacer, tres galeras da armada hespanhola foram sobre a Praia, e fizeram alguns tiros de canhão a um corpo de guarda, onde viram fogo: entretanto as outras galeras, com quinze ou vinte grandes bateis cada uma, deram na saída de Santa-Catharina, onde estava o capitão Bourguignon, e duas companhias de portuguezes que fugiram sem fazerem um tiro d'arcabuz, á primeira descarga da artilheria das galeras, de medo que o dito Bourguignon ficou com 50 sol-

dados francezes que tinha na sua companhia, combateu valorosamente e morreu com 35 dos seus; tendo mui bem defendido esta saída.

O seu tenente, alferes, e os 15 soldados, resto dos 30, ficaram feridos. Os inimigos deitaram d'um só golpe 6:000 homens em terra, e o resto da armada até 15:000 homens de combate, seguiu em fileira, com tão bella disciplina que entravam em ordem de batalha mal punham pé em terra, sabendo cada um o seu lugar proprio. Correu ali du Mayet, mais o capitão la Grave, e logo depois o mestre-de-campo, e começaram a escaramuça, sendo constrangidos á retirada por falta de gente. Mal rompeu o dia deu o commendador de Chaste ordem ao capitão la Barre, que avançasse para onde estava a esquadra na duvida de que ella projectasse um desembarque, quando no mesmo instante ouviu algumas canhonadas do lado de santa-Catharina, o que foi causa de se encaminhar para ali com suas companhias, fazendo-as marchar uma em vista da outra, e indo sempre n'esta ordem ao longo da praia, o mais depressa que podia, até ao lugar em que o inimigo dava, para que, se elle fosse repellido, não viesse com suas galeras a alguma outra saída. Na frente das suas companhias foi advertido por um homem de cavallo que tinha destacado, de que toda a gente da armada estava em terra, e que n'uma pequena aldêa mui perto sete ou oitocentos mosqueteiros e arcabuzeiros avançavam para ganhar uma fonte, aos quaes o commendador determinára carregar tendo-os descoberto, o que fez, e com tal furia, com 400 homens que podia ter, que os repulso e bateu até um pequeno monte ao pé do qual estava a gente da armada em batalha. A golpes d'espada e alabarda foram mortos mais de 400 hespanhoes, e tendo-se o mestre-de-campo, e du Mayet, aggregado ao commendador, foi o monte mui disputado, ganho, e perdido d'um lado e d'outro por quatro ou cinco horas, pelo partido desigual, não tendo quando muito mais de 500 francezes, dos quaes eram já mortos ou feridos muitos: os outros vendo o revez perdiam a coragem, porque, mesmo depois que a armada apparecera, tinham vivido tão mal, ou estavam tão fatigados do caminho que tinham feito acceleradamente com o commendador para chegarem á saída, tendo vindo d'uma, duas e tres leguas longe, quando na ilha fazia extremo calor, de sorte que caíam como mórtes. Resolveu-se ainda o commendador reganhar o dito monte.

Organizou um batalhão com o resto da gente que tinha, atacou o monte, e fel-o evacuar pelos hespanhoes, deliberando antes morrer que perder mais um só palmo de terra, contando com os seus homens de bem, estimulados ao verem seus companheiros e amigos caídos a seus pés: e sentindo não haverem como elles pago o tributo da natureza, persuadiam-se que lhes cumpria fazer outro tanto, inda mesmo achando-se abandonados dos portuguezes que eram a força maior, sem ajuda dos quaes o commendador pôde conservar o dito monte até á noite. Por isto se pôde julgar, que se os francezes tivessem sobre o inimigo a superioridade que este tinha sobre elles, teria sido expulso d'outra forma. Não quero entretanto dizer, que o exercito hespanhol não fosse composto de muitos homens-de-bem e velhos soldados, mas em verdade são tão prudentes e cautelosos nos seus negocios, e reconhecem o natural francez, que forte ou fraco, é o primeiro a mudar que deixaram passar esta fumarada, que não puderam evitar sem grande perda da sua parte.

Perto da noite, depois de todas estes combates,

chegou o conde com 1:000 portuguezes, e tres ou quatrocentas vaccas, e declarou ao commendador que os portuguezes queriam combater com ellas, e que isso aproveitaria, tanto mais quanto havia algum tempo que os hespanhoes tinham desembarcado na ilha 500 ou 600 homens, que foram destroçados pela furia das vaccas excitadas á força d'aguilhão. O commendador lhe observou que tal combate não era honroso, e só era proprio de gente vil e rustica, podendo tanto ajudal-os como prejudical-os no caso de se voltarem contra elles; primeiro que atacassem ao inimigo, e que melhor fóra á sua reputação, ter estado presente na saída e no combate como promettera, e onde o seu dever o chamava, que inventar accommittimentos de vaccas: que elle conde era causa da perda da ilha e dos francezes; mas já que a falta se commettera, não lhe antevia outro remedio senão juntos conjurarem morte honrosa, antes que suportar a crueldade a que os hespanhoes eram de algum tempo a esta parte veseiros a respeito dos francezes, como na Florida na viagem e combate do sr. Strozzi, e n'outras partes, onde haviam faltado á fé promettida, e executado ás mãos d'um carrasco, muitos gentis-homens e soldados francezes. O conde tomado de medo respondeu, que fizera mal, mas que não podia ir a combate, pedindo ao commendador o escusasse d'isso, dizendo que Deus lhe tirára a força e o intendimento; mas promettendo-lhe fazer ir a ella todos os portuguezes que trazia consigo, que morreriam a seu lado, ficando entretanto olhando pelos negocios, o que era mais proprio que a peleja. Ouvido isto o commendador resolveu tornar ao combate, e reuniu o resto da sua gente.

Chegando perto do inimigo começava o dia a declinar. Por isso o conde ordenou que em tal caso cumpria transferir a acção para o dia seguinte, porque combater de noute lhes seria de grande prejuizo. Immediatamente se foi o commendador a todos os portuguezes, que pareciam querer combater, e pediu-lhes que se não mechessem dos seus logares até á manhã seguinte, para que se transferira o combate, o que nós prometteram fazer; e no entanto foi indagar quaes dos seus haviam ficado mortos e feridos.

Chefes mortos. — Capitães Bourguignon, Armisac, e Espalingues; tenente e alferes do mestre-de-campo; tenente do capitão Campagnol; alferes do capitão la Grave; alferes do capitão la Valade; alferes do capitão Baptista.

Chefes feridos. — Commendador du Mayet, capitães Brevet, Laste, de la Barre, e Louis; alferes do capitão Campagnol, tenente e alferes do capitão la Barre, tenente e alferes do capitão Loys.

Voluntarios mortos. — Srs. de Montmurat, Molin, e Besses.

Gentis-homens voluntarios feridos. — Cusson, Mailhames, Favet, Nivaudieres, Incantz, Villaubes, Tascort, e Miremont, com muitos soldados mortos e feridos.

O commendador acampou mui perto do exercito hespanhol até uma hora da noute, tempo em que foi advertido pelo conde, de que os portuguezes tinham dissolvido o seu batalhão e fugido para os montes, e que de necessidade cumpria vêr o que devia fazer-se. O commendador pediu-lhe o seu parecer, que foi de se retirar a uma montanha por meio da qual, dizia, se teria uma grande parte da ilha, e podiam conduzir-se para lá alguns viveres e munições, e levar algumas peças d'artilheria. O commendador respondeu-lhe que consultaria com seus companheiros.

Reuniu-os immediatamente, mas a maior parte foram d'opinião de antes recolher ás fortalezas d'Angra, e n'ellas metter os viveres, que tinham em tres navios francezes na bahia junta ás mesmas fortalezas. Advertiu d'isto o conde, que não achou bom este accordo, allegando que estas fortalezas não alojavam 200 homens, e que em 24 horas seriam forçados e batidos a tiros de canhão, persistindo na sua primeira opinião, de se retirarem á montanha. Deu por isto a conhecer a desconfiança que sempre tivera dos francezes, e o temor de que se apoderassem das fortalezas; o que na sua morte confessou, como direi depois.

Resolvendo o commendador retirar-se com o conde á montanha fez partir as suas tropas cerca da uma hora depois da meia noite, e pondo-se em caminho perguntou pelo conde, que se não achou e se tinha retirado sem deixar guarda, nem atermar lugar de reunião. Nem por isto deixou o commendador de proseguir no caminho, até vêr se se lhe podia reunir, e cuidar no que elle tinha proposto. Com já uma hora de dia chegou a um lugar chamado de Nossa Senhora da Guadalupe, onde o advertiram de que o conde se embarcára em dois bateis e fugira. Com isto se resolveu o commendador a voltar ao seu primeiro designio de recolher ás fortalezas d'Angra. Estando já perto d'ellas mandou reconhecê-las por um homem de cavallo, que voltou com a nova de que o inimigo se apoderára d'ellas, cujas chaves os portuguezes lhe haviam ido entregar ao seu campo na noite antecedente; o que soubera d'um negro escapado das mãos dos hespanhoes, e que fugia para os montes. Vendo-se o commendador enganado pelo conde e pelos portuguezes, dos quaes não tivera 50 que entrassem em combate, não servindo senão de pavor aos soldados francezes, deliberou voltar ao lugar de Nossa Senhora da Guadalupe, para se intrincheirar alli, e suste-se o mais, que pudesse com suas tropas. Mal chegou lá fez trabalhar nas barreiras e intrincheiramentos, e assignou lugar a seus capitães; mas cerca das onze horas da noite, todos os soldados se reuniram e começaram a rumorejar e gritar mui alto:

— Armas, armas, matemos o general, e massacremos os capitães, porque querem salvar-se, e deixarnos em refens!

E elegeram um chefe que os conduzisse ao Marquez de Santa-Cruz com as bandeiras, querendo entregar-se á descripção. Vendo isto o commendador saiu do seu quartel, entrou nos corpos de guarda onde os soldados estavam reuidos, e lhes perguntou o motivo d'este alarma. Disseram-lhe que bem sabiam que elle se queria salvar com seus capitães; o que elle lhes negou, e respondeu que se houvesse tido vontade d'isso, o tivera feito no dia do combate, em que se lhe offerecêra boa occasião, e para o que fôra solicitado pelos capitães de navios Rosset, Chauvin, e Girard, a quem não fallavam então barcas nem bateis: que lhes perguntassem a resposta que então lhes dêra, a qual fôra, que estimava mais atravessar o coração com a propria espada, do que commetter uma acção tão má; e que queria viver e morrer com seus companheiros. Ao mesmo tempo os capitães de navio o confirmaram em alta voz.

— Mas eu bem vejo (disse o commendador) que d'alguns poltrões é que sãe esta invenção para nos perder a todos, preferindo viver miseravelmente nas galés, que é a maior cortezia que se pôde esperar dos hespanhoes; a de morrer com honra.

E para os garantir ainda mais jurou-lhes que, ou

perderia a vida, ou os poria em liberdade, sendo o ultimo a sair da ilha. Cuidando o commendador haver os contentado com rasões retirou-se ao seu quartel, d'onde poucas horas depois ouviu outro semelhante alarma, (havendo elles eleito para chefe um sargento do capitão Armissac) e que se gritava em alta voz:

— Matemos, matemos estes capitães. Vou começar pelo meu!

E no mesmo instante um dos amotinadores voltava a ponta da alabarda para o capitão Cusson, que lhe ponderava as consequencias d'este alarma: mas o commendador não tendo então meio de administrar justiça, porque a maior força era de poltrões e amotinadores, havendo morrido, ficado feridos ou doentes os melhores; na sua saída da ilha Terceira fez enforçar este sargento a bordo do seu navio; contentou-se então com lhes observar o mal que se faziam perdendo-se de modo tão ruin, suspeitando que elle queria ausentar-se, acção mui detestavel aos que amam a honra, tanto mais que elle não tinha meio de a executar, quando fosse tão mau que tivesse vontade d'isso: (disse-lhes para lhes tirar inteiramente esta duvida) que 40 ou 50 viessem de noite guardal-o na sua residencia, onde estava com 7 ou 8 feridos de sua casa. Assim fizeram, e mal raiou o dia foram ao capitão Capon, italiano, e á força de importunações o fizeram ir ao commendador seu general, pedindo-lhe mandasse tratar de composição com o Marquez de Santa-Cruz, e no caso d'este o não querer ouvir, que então promettiam unanimemente morrer a seus pés, e não fazer mais alarmas.

Ouvindo isto ao dito Capon lhe respondeu o commendador, que não queria receber leis de semelhante gente, e que sabia bem o que devia fazer: no entanto incumbia-o de os mandar reunir, o que feito, lhes disse pela terceira vez:

— Companheiros, estou muito pezaroso vendo que tendo o nome de francezes, fazeis d'isso, e por consequencia da honra, tão pouco caso, que a haveis esquecido, por tanta laxidão, que vossas obras testemunham: para acabar com ellas, não podendo mais supportar as vossas insolencias, resolve, succeda o que succeder, castigar bem o primeiro que recommençar estas emoções, e apartar os homens capazes.

A estes promettia elle, sob sua vida e sua honra, de os não abandonar nunca e de morrer com elles, sendo contente de vêr que os que não tinham a coragem de o seguir ao combate, se declarassem, porque os licenciaria para que se fossem onde bem quizessem. Então elles lhe prometteram em alta voz, que lhe não darião mais occasião de descontentamento, e obedeceriam a suas ordens.

Cerca da meia noite d'este mesmo dia, que era quinta feira, advertiram o commendador de que era chegado um soldado hespanhol, á primeira barreira do lugar, que lhe trazia uma carta da parte de D. Pedro de Padilha, e de D. Agostinho Iniguez, mestres de campo do exercito hespanhol, a qual elle mandou buscar á barreira, sem querer fallar ao hespanhol. Era objecto d'esta carta, e por estarem convencidos os ditos Padilha e Iniguez do aperto em que era o commendador, e risco que sua vida corria, de um indulto para elle, obtido do seu general o Marquez de Santa-Cruz: e como elles eram seus amigos e lhe tinham reconhecido o valor, seu e dos seus, no dia do combate, lhe davam este aviso, para que elle pensasse, e não recusasse esta cortezia. O commendador lhe deu resposta de bocca, mandando-a á barreira ao soldado hespanhol por um de seus capi-

lães, pela qual agradecia muitissimo a estes senhores, que temiam mais do que elle proprio a perda da sua vida, que não estava como a ellas julgavam em tamanho perigo; dizia-lhes que quando elle e os seus a perdessem em serviço d'el-rei seu amo, a teriam por bem empregada, não deixando por isso de a venderem bem cara. Inda porem que o commendador se visse afflicto por muitas necessidades, sem ter de que viver senão d'agua que corria ao longo d'um ribeiro por meio do lugar, e de más peras verdes, de que já tinham vido outo ou nove dias; vendo-se com mui poucas munições de guerra, e poucos soldados que tivessem vontade de mais soffrer com elle e seus capitães, estando mortos, feridos, ou doentes. uma boa parte dos melhors; nem assim quiz ouvir nenhuma proposição, sem antes ter advertido por cartas os principaes capitães portuguezes, que estavam nas montanhas, e sabido d'elles, se depois da falta que tinham commettido de o terem abandonado no combate, vindo expor a sua vida e a de seus companheiros para lhes conservar as suas, seus bens, e suas liberdades, lhes não tinha augmentado a coragem. para que quizessem reunir-se a elle com suas forças e munições, com que seria presto a voltar a combater o inimigo; do qual tinham a esperar como os francezes mui pouca cortezia. Dizia-lhes por fim que ainda que fosse convidado a composição, não entenderia jámais n'ella, se elles se resolvessem a correr juntos a uma morte honrosa.

Em lugar de responderem ao commendador enviaram as cartas ao marquez de Santa-Cruz, ao qual um chamado Francisco Dias, dos principaes capitães portuguezes, lhe escreveu declarando que era mui humilde criado e subdito do rei Philippe, e que se o não houvera sido no passado, a culpa era de não ter tido conhecimento do direito que elle tinha a este reino de Portugal; mas que se elle tivesse por agradaveis seus serviços que se lhe reuniria com os portuguezes, e se empregaria em matar os francezes, que o persuadiam a uma junção para novo combate; que lhe promettia entregar prisioneiro o conde de Torres-vedras, que andava nas montanhas, por quanto lhe tinham escangalhado a sua barca quando elle queria fugir. Ao mesmo tempo teve o commendador uma segunda carta de D. Pedro de Padilha, e de Iniguez, pela qual se lamentavam de que o commendador lhes não tivesse dado resposta por escripto, e achavam mui estranha a resolução que tomara de perder a vida tão fora de proposito, mesmo porque não havendo meio de servir seu amo com esta perda, elle não adquiria com ella muita honra; que elles estavam extremamente pezarosos com a sua fortuna, conhecendo o seu merito; mas que se quizesse pensar em si, como elles lhe rogavam, antes que o exercito partisse sobre elle, para o que já o marquez dera ordem, que podia enviar dos seus algum homem de bem, a tratar da composição. Por sua resposta lhe fez ainda o commendador ver, que se fortalecera na sua resolução, rogando-lhes que em persuasões se não consumissem tanto, porque elle lhes não queria dar ouvidos, e logo que o viessem sitiar e a seus companheiros, que fariam d'outro modo sentir que não tinham bem calculado o valor dos francezes, e como elles livremente se dispunham á morte, que não esperava sem fazer com isso algum bom serviço á sua dita magestade, qualquer que fosse a opinião que em contrario tivessem. Isto era, como vulgarmente se diz, fazer boa cara com mau jogo! N'isto foi o commendador advertido de que o conde andava pelos montes; que lhe tinham destruido o ba-

tel, quando quizera fugir; e que os portuguezes o procuravam para lhe darem a morte, por lhes haver feito perder a coragem, e ter abandonado os francezes ao acaso. Mandou-lhe o commendador perguntar ainda se tinha meios de o socorrer de pão, e d'algumas munições de guerra; pois inda que os portuguezes nada quizessem ouvir no sentido de se lhe reunirem para o combate, elle queria antes morrer com seus companheiros, do que compor-se com os hespanhoes, de quem só esperava crueldade. Em resposta o conde pediu-lhe uma entrevista, rogando-lhe que, pois caminhava para onde elle commendador estava, não consentisse que os soldados francezes lhe fizessem mal, pelos seus maus procedimentos passados, os quaes agora deplorava grandemente. O commendador lhe prometteu o que pedia, inda que tivesse mais motivos de lhe fazer mal do que de o receber. Como elle chegasse, ao passar por entre os francezes, gritaram estes em altas vozes:

— Eis o poltrão que nos abandonou, e é causa da nossa infelicidade. Matemol-o, matemol-o!

Então o conde chorando lagrimas ardentes, todo envergonhado da sua falta, lhes dizia:

— Francezes, meus irmãos e meus amigos, tendes motivo para tirar-me a vida, mas antes d'isso peço-vos em honra de Deus que me perdoeis.

O commendador ouvindo da sua residencia, que ficava perto, esta exclamação, saiu commovido e apiedado, por ver um vice-rei, com o joelho em terra, pedir a vida aos francezes, e mandou que se calassem e não proferissem palavra que o offendesse. Asseguro com verdade, que não houve nenhum homem de bem, presente, qualquer que fosse a afflicção porque houvesse passado, que contemplando-o em tal estado, não se apiédasse, por mais falta de coragem que o conde d'antes se tivesse mostrado. Protestou ainda ao commendador que não tinha meio de o socorrer com viveres nem com munições de guerra; que tinha passado seis dias sem comer pão, abandonado de todos os seus, e que se podesse fazer alguma composição, faria mui bem, já que estava reduzido a tal extremidade; e que se assim fosse lhe supplicava humildemente que n'ella o comprehendesse e lhe salvasse a vida. O commendador respondeu-lhe:

— Ser-me-hia dobrado mal, lembrar-me de vós, quando tão poucos motivos me dístes d'isso. Entretanto far-se-ha o que se puder.

No mesmo instante alguns de seus capitães o avisaram de que 60 dos poltrões amotinadores, se tinham ido entregar ao marquez de Santa-Cruz, e que os mais se dispunham a fazer o mesmo, deitavam seus arcabuzes e couraças para traz das muralhas, quebravam as espadas, davam em alta voz ao diabo o pae e a mãe que os gerára para experimentarem tantos males, gritando:

— Vamos, vamos ás galés. Vale isso menos que ficarmos perdidos ou mortos? Perdidos estamos nós, quando o nosso general nos recusa a vida que nos querem dar.

Os pobres feridos ouvindo os gritos d'estes poltrões, e prevendo que por sua fraqueza, os homens de bem teriam fim miseravel, perderam toda a esperança, e ouvindo gritar de todos os lados — *As armas! ás armas. Aqui está o inimigo!* — olhavam para os companheiros que lhes passavam perto, e não podendo mecher-se, diziam;

(*Continúa.*)

Ha excellentes cousas que Deus nos dá duas vezes e mais; mas, só uma vez nos dá mãe.